

INOVAÇÃO NA PRODUÇÃO ARTESANAL: ALTERNATIVA PARA A SUSTENTABILIDADE

Marijara de Lourdes Leal, mestranda

Maria Chistine Werba Saldanha, Dr.

Grupo de Estudos e Pesquisas em Ergonomia (GREPE)

Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção (PEP)

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

marijara_leal@yahoo.com.br

Palavras-chaves: antropotecnologia, artesanato, design, inovação

Este artigo tem como propósito uma análise sobre a inovação na produção de base artesanal por meio do design. É necessária uma reflexão a cerca do tema considerando que algumas organizações para alcançar objetivos institucionais, atropelam etapas do processo de intervenção comprometendo qualitativamente o resultado do trabalho, frustrando todos os envolvidos. A prática profissional do design no atendimento ao setor de base artesanal aponta para a experiência de uma demanda real para trabalhos nesse segmento, a inovação nos produtos artesanais pretende significar uma oportunidade de sobrevivência, uma alternativa para a sustentabilidade desses grupos, desde que se criem metodologias adequadas e principalmente flexíveis.

Keywords: anthropotechnology, crafts, design, innovation

This article aims to an analysis of innovation in the production of basic craft through design. Reflection is needed about the issue considering that some organizations to achieve institutional goals, trample stages of intervention affecting qualitatively the result of the work, frustrating everyone involved. The professional practice of design in the care sector basis points to craft the experience of a real demand for jobs in this sector, innovation in crafts is supposed to mean a chance of survival, an alternative to the sustainability of these groups, since the creation of methodologies appropriate and especially flexible.

O conceito de inovação vem evoluindo ao longo do tempo. Segundo Shumpeter (1982 apud Caron, 2004), a inovação é um conjunto de novas funções evolutivas que alteram os métodos de produção, criando formas de organização do trabalho e, ao produzir novas mercadorias, possibilita a abertura de mercados mediante a criação de novos usos e consumos. O Manual de Oslo (OCDE, 2005), expandiu o marco conceitual da inovação e reconheceu a importância da inovação em setores menos intensivos em P&D, tais como serviços e setores de “baixa intensidade” tecnológica, neste âmbito enquadra-se o setor de base artesanal.

A estratégia de inovação via agregação de novas funcionalidades ou característica ao produto artesanal por meio do design, configura-se como um caminho alternativo adotado pelas instituições de fomento ao artesanato para inserir o produto competitivamente num processo de demandas mutantes, instáveis do mundo globalizado.

O design é um instrumento que causa impacto imediato, pois transforma e valoriza o produto aos olhos do mercado, no entanto, às organizações de fomento ao setor, por vezes, para alcançar objetivos institucionais, atropelam importantes etapas do processo de intervenção que envolvem diagnóstico e conhecimentos prévios acerca do grupo e da tipologia a

ser trabalhada, bem como análise e avaliação da melhor estratégia para valorização do produto. Os fatores mencionados, quando recorrentes, comprometem qualitativamente o resultado do trabalho frustrando artesãos e instituições.

Este artigo se propõe a refletir sobre as demandas por inovação na produção artesanal considerando os aportes da ergonomia, mais especificamente a antropotecnologia, termo utilizado por Alan Wisner que chama a atenção para a forma como são conduzidas as transferências tecnológicas.

Wisner (1992) afirma que é necessário adequar a tecnologia ao homem levando em consideração o meio, a cultura, a geografia, os saberes, a singularidade de cada local, região.

É a cultura que o indivíduo nasce e vive que determina hábitos, atitudes, posição social e sua opinião acerca do mundo (SANTOS *et al* 1997).

Para Wisner (1992) as diferenças entre os povos são a essência das dificuldades encontradas pela transferência de tecnologia.

No artesanato, não há um modelo sistematizado e cientificamente testado de transferência de tecnologia/inovação que seja aplicável em todas as comunidades de produção artesanal respeitando suas particularidades. A maioria dos grupos artesanais surgiu espontaneamente através de vocações locais,

aproveitando as vantagens territoriais que permitiram estruturas produtivas especializadas, muitas vezes utilizando tecnologia desenvolvida pelos próprios artesãos ou por seus ancestrais.

Atualmente, a história do artesanato é ameaçada pelas formas de produção em massa mais rápidas e baratas que levam a uniformização, na maioria das vezes causada pela tentativa de agradar turistas que procuram produtos baratos e padronizados, sendo esta uma das dificuldades enfrentadas pelo setor artesanal. Assim, torna-se necessário mudar este cenário, o que depende de uma tomada de decisão e da eleição de prioridades por parte dos responsáveis pelo incentivo e apoio ao desenvolvimento deste setor.

Nos últimos anos, a atividade de base artesanal vem ganhando importância junto a pesquisadores, instituições de fomento e governo.

Segundo Apolinário e Silva (2007), a existência desses agentes por si só não garante a geração de vantagens competitivas para grupos produtivos de base artesanal, pois essas vantagens advêm de ações conjuntas, mediante certa cooperação e interação permitindo que o fluxo de informação, troca de experiências e reprodução de conhecimento possa conduzir a uma eficiência coletiva em prol da sustentabilidade.

Para Freitas (2006), a qualidade das ações institucionais que vem sendo praticada junto ao setor de base artesanal, demonstra a necessidade de continuidade de reflexões para o setor levando em consideração a diversidade e complexidade dos aspectos que constituem este contexto produtivo.

Ainda conforme Freitas (*op. cit.* 2006) as metodologias adotadas para a formulação, planejamento, e implementação de ações de inovação incremental no setor de base artesanal devem ser revistas sempre que necessário e as terminologias utilizadas nas etapas metodológicas deve estar calcada nos procedimentos e critérios determinados para a atuação coerente em diversos contextos.

Com as mudanças nos parâmetros de competitividade, os artesãos por vezes são forçados a promover mudanças em seus produtos utilizando-se cada vez mais de recursos do design que nesse contexto de competição revela-se fundamental para contribuir com a melhoria de processos e produtos considerando as necessidades de quem produz, comercializa e utiliza. A prática profissional do design no atendimento ao setor de base artesanal aponta para outras realidades e confirma a existência de uma demanda real para trabalhos nesse tipo de segmento.

O designer tem muito a contribuir para a adequação de produtos artesanais, reinseridos num contexto contemporâneo, ao mesmo tempo, a homogeneização dos padrões de consumo causado pelo processo de

globalização da economia também gera demandas por produtos com identidade. Dessa forma, quando as relações entre o designer e o artesão são pactuadas de forma correta no desenvolvimento do produto, o mercado que por vezes é inacessível ao artesão, passa a ser um importante canal de promoção de seus produtos (AGUIAR e FERREIRA, 2005).

Chega-se a hipótese de que, a inovação nos produtos artesanais, longe de significar a extinção dos grupos, pretende significar uma oportunidade de sobrevivência, crescimento e transformação, ou seja, uma alternativa para a sustentabilidade desses grupos, desde que se criem metodologias adequadas e principalmente flexíveis já que cada grupo tem sua particularidade, justificando assim a necessidade de reflexões acerca do tema e, sobretudo ações conjuntas entre agentes de fomento e Academia.

Referências

- AGUIAR, L e FERREIRA, E. O Design Popular. Um olhar sobre o design brasileiro. São Paulo: Objeto Brasil; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2 ed., p.58, 2005.
- APOLINÁRIO, V e SILVA, M. L. Ativos Locais e Desenvolvimento Sustentável: O APL de bordado de Caicó/RN . Compendio de Resúmenes. 12^a Reunión Anual de la Red PYMES MERCOSUR en conjunto con la 5^a Conferencia de Investigación en "Entrepreneurship" en América Latina –CIELA . "PyMEs y Entrepreneurship: Su rol para el empleo, la innovación y el desarrollo en América Latina." p.209.
- CARON, A. Inovação Tecnológica em Pequenas e Médias Empresas: estratégias e dificuldades de inovação em médias empresas industriais do Paraná. Revista FAE BUSINESS N 8, 2004.
- FREITAS, A. L. C. A Engenharia de Produção no setor artesanal. XXVI ENEGEP, 8., 2006. Fortaleza, 2006.
- SANTOS, N et al. Antropotecnologia: A ergonomia dos sistemas de produção. Curitiba: Genesis, 1997.
- OCDE. Manual de Oslo: Diretrizes para coleta e interpretação de dados sobre inovação. Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico, 2005.
- WISNER, A. A antropotecnologia. Tradução de Leda Leal Ferreira. IEA, 1992.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.daneprairie.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.